

O que as imagens fazem na Antropologia?

JOAQUIM PEREIRA DE ALMEIDA NETO 
Universidade de São Paulo | São Paulo, SP, Brasil
joaquim.almeidaneto@usp.br

GABRIELA LAGES GONÇALVES 
Universidade de São Paulo | São Paulo, SP, Brasil
gabyrages12@gmail.com

JEFERSON BASTOS DE SOUZA 
Universidade de São Paulo | São Paulo, SP, Brasil
jefersonbastos@usp.br

VICTOR MIGUEL CASTILLO DE MACEDO 
Universidade de São Paulo | São Paulo, SP, Brasil
victormcmacedo2@gmail.com

DOI: 10.11606/ISSN.2316-9133.v32i2PE219321

Os ensaios visuais aqui reunidos nos mostram que as imagens, além de fazerem ver, fazem pensar, imaginar, movimentar, analisar e deduzir. As imagens também materializam presenças e alianças estabelecidas entre pesquisadores e interlocutores de pesquisa.¹ Instrumento de pesquisa, registro de trabalho e também produto, as imagens agrupadas em cada um dos ensaios são aliadas importantes nas diversas etapas do fazer etnográfico. Os ensaios selecionados neste dossiê são provenientes de diferentes contextos de pesquisa. Eles nos colocam diante de variadas formas de abordagem do uso de imagens, trazendo conjuntos de fotografias e de desenhos etnográficos, colagens, diagramas, mapas mentais e imagens de arquivo. Essas visualidades, cada uma a seu modo, permitem refletir sobre os processos de feitura da etnografia, sobre os espaços de intimidade adentrados ou restringidos durante o trabalho de campo, e ainda sobre as estratégias metodológicas usadas para fazer ver ou fazer

¹ Esse dossiê é fruto do nosso interesse pelo diálogo cada vez mais estreito entre imagens e Antropologia (Taussig, 2009, 2011; Gell, 2020; Ingold, 2015; Monteiro, 2015, para citar apenas alguns). A chamada inicial recebeu o nome de “O trabalho etnográfico e o fazer ver na antropologia” e sua pergunta guia era: *Como as imagens propiciam ou auxiliam o trabalho etnográfico?* Com o decorrer do tempo de preparação da publicação, e sobretudo a partir da análise dos 18 ensaios visuais recebidos, percebemos que a nossa pergunta inicial precisava ser ampliada. A nova pergunta guia passou a ser a mesma que intitula este editorial: *O que as imagens fazem na Antropologia?* Os seis ensaios publicados aqui apresentam respostas criativas a essa pergunta e oferecem inspirações metodológicas extremamente instigantes.



e219321

<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v32i2pe219321>

compreender aquilo que é vivido nos encontros entre pesquisadores e interlocutores de pesquisa.

A começar com aquele que talvez recorra às imagens de modo menos usual, “*Documentos na dobra do tempo: dois antropólogos no Haiti dos anos 1940*”, de Julia Goyatá (2023), convida-nos a direcionar o olhar a uma arqueologia dupla do fazer etnográfico. Tal empreitada abarca a própria pesquisa documental realizada por Goyatá no Haiti nos anos 2000 e aquela realizada por Alfred Métraux nos anos 1940. O tempo, que se dobra no encontro de Goyatá com Métraux através dos arquivos, informa itinerários passados e presentes. Esses itinerários se inscrevem nos desenhos e esquemas de pesquisa produzidos pelos dois pesquisadores. O deslocamento espacial de ambos os antropólogos, estrangeiros/brancos numa terra marcada pela violência colonial e pós-colonial, fala também das institucionalidades que orientam e propiciam o trabalho de campo. As ligações de Métraux com a Unesco, que lhe davam a alcunha de “homem Unesco”, se reiteram nos documentos arquivísticos, tratados enquanto resquícios de outro tempo, acessados pela pesquisa de Goyatá. A vida dos documentos - guardados em pastas, arquivos e edifícios - multiplica-se em novas formas de feitura dos processos de pesquisa. O ensaio, portanto, faz ver tanto o lugar (institucional) de Métraux e a direção de seu olhar para rituais e altares da vida cotidiana no Haiti dos anos 1940, quanto os esforços metodológicos de organização e inteligibilidade desenvolvidos por Goyatá, principalmente em seu caderno de campo.

Das dobras do tempo de Julia Goyatá, passamos ao trabalho de Francisca Marcela de Andrade Lucena (2023). Mudamos de registro imagético e de região geográfica, mas continuamos diante de rituais afro-caribenhos, da centralidade do tempo e dos esforços antropológicos de compreensão e visualização das experiências vividas em campo. Entre Lucena e Goyatá, temos acesso ao funcionamento da casa de máquinas do trabalho etnográfico. Não à toa, as duas pesquisadoras trazem, em seus ensaios, diagramas e esquemas de organização elaborados em seus cadernos de campo. O ensaio “*Explorando topologias possíveis escrevinhando movimentações nos rituais abakuás*” segue as diferentes etapas do ritual *Plante* realizado pela sociedade abakuá, uma confraria masculina responsável por práticas religiosas e ações sociais de ajuda mútua em Cuba. O ensaio mostra um jogo entre as dimensões externas e internas presentes nas movimentações espaciais formuladas pelo sagrado durante o referido ritual. A autora recorre a fotografias e a diagramas. Suas fotografias são sempre externas e distanciadas e, de diferentes pontos de vista, capturam a árvore sagrada *Ceiba* e as posições ocupadas pelos abakuás em momentos centrais do *Plante*. Os diagramas, por sua vez, buscam retrair as movimentações e direções rituais (feitas somente pelos homens) e as posicionalidades da *Ceiba*, do templo e das mulheres que observam o ritual externamente. Diagramas e fotografias produzem, então, uma topologia própria do fazer etnográfico, uma topologia daquilo que a antropóloga vê de fora (e à distância). O que é chamado de “topologias possíveis” carrega, portanto, a posição que a autora ocupa como mulher fazendo trabalho de campo em um contexto ritual fundamentalmente masculino. As linhas e setas que marcam os espaços rituais em seu caderno de campo, formulando limites e fronteiras entre o externo e o interno, o fora e o

dentro, o público e o privado (assim como o masculino e o feminino), modulam a liminaridade entre aquilo que ela pôde presenciar/olhar e aquilo que ela precisa deduzir ou mesmo imaginar.

Já o ensaio de João Vitor Velame (2023) *“Uma coleção de desenhos etnográficos: Os ritmos e movimentos no ambiente de um mercado público paraibano”* apresenta uma série de experimentações multissensoriais com desenhos. São essas visualidades que possibilitam ao autor realizar a construção poética de uma etnografia da duração de uma feira livre. Os desenhos são apresentados em colagens editadas digitalmente e explicitam objetos, instrumentos de trabalho, materiais e disposições espaciais do Mercado Santo Agostinho, localizado em Rio Tinto, Paraíba. No que se refere à construção poética da etnografia, aquilo que o autor chama de “experimentos multissensoriais” traça justamente o lugar das memórias dos ritmos e movimentos da própria feira livre, seus transeuntes, vendedores, mercadorias, relações, conversas. Pensando ainda na ideia de casa de máquinas do fazer etnográfico, o ensaio nos coloca diante do desenho enquanto método de pesquisa (lembramos que junto aos desenhos que compõem o ensaio, o autor nos apresenta uma fotografia da “banca do antropólogo”, ou seja, de seu conjunto de materiais artísticos e dados reunidos durante a pesquisa). O diário gráfico acompanha o diário de campo e juntos eles dão vida a uma série de topografias do mercado, feitas a partir de diferentes escalas e pontos de vista. São exatamente essas topografias que evidenciam não só a referida presença de objetos e de movimentos, mas também a existência de uma gama de interações entre humanos e não humanos que dão vida, cor, calor, som e sabor ao Mercado Santo Agostinho.

Nos três ensaios visuais apresentados até aqui é possível ver a casa de máquinas e os detalhes das costuras etnográficas empreendidas por antropólogos e antropólogas. As imagens reunidas em cada um deles são, sem dúvidas, produtos extremamente profícuos das empreitadas antropológicas às quais estão ligadas, mas, antes de tudo - isso é o mais importante do ponto de vista deste dossiê -, são métodos de investigação e de produção de conhecimento etnográfico. As fotografias, diagramas e desenhos são peças centrais para a realização das próprias pesquisas de Goyatá, Lucena e Velame, elas fazem pensar, imaginar, movimentar, analisar e, até mesmo, deduzir. Com ligeiro deslocamento, continuaremos dentro da casa de máquinas do fazer etnográfico nos três ensaios visuais seguintes, mas o que ganhará proeminência não é mais o uso da imagem enquanto método de pesquisa. Os ensaios de Maffi, de Carvalho e Ahlert e de Pereira, ainda que ofereçam elementos metodológicos interessantes, deslocam nosso olhar para as formas como imagens podem materializar presenças e relações estabelecidas entre antropólogos e interlocutores de pesquisa. Não à toa, estes três ensaios têm interlocutores de campo como protagonistas.

O ensaio de Aline de Jesus Maffi (2023), intitulado *“Imagens, saberes e fazeres: aprendendo com Maria Caetano”* nos coloca diante dos conhecimentos de Maria Caetano, uma trabalhadora rural de 70 anos, que, há mais de 60, habita o Distrito de Maravilha, localizado na zona rural de Londrina, Paraná. O conjunto de fotografias que compõem o ensaio perpassa diferentes etapas do trabalho rural empreendido por Maria – a caminhada de casa até a área cultivada, o transporte de equipamentos, os gestos da colheita, o cuidado

posterior com os grãos, a separação de sementes e o preparo da terra – e está diretamente ligado à principal postura metodológica adotada pela autora: aprender fazendo. Muito inspirada pela obra de Tim Ingold, Maffi destaca que o fazer etnográfico em companhia com sua interlocutora acende possibilidades narrativas e faz ver os saberes do “trabalho no campo”, empreendido por Maria Caetano, e do “trabalho de campo”, realizado por ela mesma. Novamente, retornamos aos duplos da temporalidade, ou, ainda, às dobras do tempo. Enquanto seguimos os passos de Maria em sua faixa de terra, passos estes que produzem paisagem, seguimos também as movimentações da pesquisadora. São essas movimentações de pesquisa que materializam o que é chamado pela autora de “experiência relacional” e de “engajamento mútuo” do encontro etnográfico. Aline Maffi, mesmo sem aparecer em nenhuma das fotografias, torna-se “companheira de viagem” de Maria Caetano e, assim, aprende com ela. Juntas, elas mostram as minúcias do trabalho rural e das relações estabelecidas com a terra e as plantas.

Já o ensaio de Adson Carvalho e Martina Ahlert (2023), “*As vidas da Casa de Nagô*”, nos convida a adentrar a Casa de Nagô, um dos mais antigos terreiros de Tambor de Mina do Maranhão, durante a Festa da Queimação de Palhinhas. Essa festa, que é realizada todo dia 2 de fevereiro, está vinculada tanto ao Natal e à desmontagem do presépio quanto ao dia de Iemanjá. As imagens que compõem o ensaio registram momentos importantes da festa: a presença de madrinhas e das demais pessoas envolvidas, o cuidado expresso na decoração do terreiro e na composição dos altares e do presépio, a fumaça que emana da queimação de palhinhas e as luzes das velas acesas para o menino Jesus. A Queimação de Palhinhas está ligada a um calendário litúrgico marcado por uma série de obrigações. Essas articulações vinculam pessoas, entidades, práticas de cuidado e de investimento nos relacionamentos, saberes e linhagens de *vodunsis* (mulheres que recebem as entidades). Cabe apontar, que a Casa de Nagô e toda a sua gestão do espaço é cuidada por humanos e não humanos. Os agentes da festa, os santos, o menino, as velas e altares, assim como o jogo de luz e sombra, ganham destaque em toda a composição visual. Isso engendra uma dinâmica de dimensões visíveis e invisíveis, algo que pode ser capturado ou não pelas imagens. De todo modo, aquilo que as imagens não capturam fica indicado nas próprias práticas de cuidado que dão vida à Casa de Nagô.

Por fim, o trabalho de Gabriela Pereira (2023) intitulado “*Carta para Joaquim José da Cruz*” apresenta uma carta e três colagens feitas a partir do acervo pessoal de Joaquim José da Cruz, que foi o último Moçambique/*Massambique* vivo na cidade de Poços de Caldas, no Sul de Minas Gerais. Seu Joaquim dançou nas festas de São Benedito, Nossa Senhora do Rosário e Santa Ifigênia por mais de sessenta anos, deixando uma imensa coleção de fotografias, documentos e papéis guardados de lembrança. Antes de seu falecimento, ele pediu para que suas imagens e seu acervo pessoal fossem passados adiante. A carta escrita por Gabriela Pereira, assim como as colagens por ela produzidas, é um desdobramento desse pedido que não foi imediatamente compreendido por aqueles que conviviam com Seu Joaquim, inclusive pela própria autora. Foi apenas com o decorrer do tempo do luto – e com a ajuda das conversas entre filhos e filhas do Terreiro de Umbanda Caboclo Pedra Branca,

da organização de um projeto coletivo (Equipe Curas) e da intervenção de um ebó –, que o pedido foi compreendido: passar adiante as imagens do acervo de Seu Joaquim era fazer de sua memória uma presença. As colagens e a carta, portanto, nos colocam diante de um relicário sensível e potente que só pôde ganhar vida a partir do acontecimento de uma série de encontros felizes. Assim como Gabriela e Seu Joaquim, nós da comissão organizadora deste dossiê acreditamos que a memória precisa ser recontada e torcida e, por isso mesmo, nos sentimos honrados por poder fazer parte da materialização do pedido de Seu Joaquim.

Maria Caetano, a Casa de Nagô e o Joaquim José da Cruz são, sem dúvida nenhuma, os protagonistas nesses três ensaios que acabamos de apresentar. Aline Maffi, Adson Carvalho e Martina Ahlert e Gabriela Pereira compõem com seus interlocutores. Em todos esses encontros motivados ou mesmo propiciados pelo trabalho etnográfico, os interlocutores de pesquisa têm muito a ensinar aos antropólogos e antropólogas. Maria Caetano, por exemplo, ensina sobre o engajamento mútuo do trabalho no campo, do trabalho na terra e com a terra. A Casa de Nagô, por sua vez, ensina sobre obrigações e engajamentos do cuidado, elementos fundamentais para que qualquer coisa ou relação possa existir ao longo do tempo. Seu Joaquim, por fim, nos ensina sobre a importância de se dar seguimento às relações estabelecidas, transformando a memória em presença. Aprender com, fazer com, cuidar e dar seguimento são expressões que, embora provenientes de cada um desses três ensaios, podem ser usadas para se referir a qualquer um deles. As imagens na antropologia, portanto, para além de fazerem ver, pensar, imaginar, movimentar, analisar e deduzir, como mostram os ensaios de Julia Goyatá, Francisca Lucena e João Vitor Velame, fazem presenças e materializam encontros e alianças capazes de dobrar (e, por que não, espiralar) o tempo.

Referências Bibliográficas

- Andrade Lucena, Francisca Marcela. 2023. “Explorando topologias possíveis: escrevinhando movimentações nos rituais abakuás”. *Cadernos de Campo*, 32, no 2. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v32i2pe214857>
- Carvalho, Adson; Ahlert, Martina. 2023. “As vidas da Casa de Nagô”. *Cadernos de Campo*, 32, no 2. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v32i2pe212133>
- Gell, Alfred. 2020. *The art of anthropology: essays and diagrams*. London: Routledge.
- Goyatá, Júlia. 2023. “Documentos na dobra do tempo: dois antropólogos no Haiti dos anos 1940.” *Cadernos de Campo*, 32, no 2. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v32i2pe211720>
- Ingold, Tim. 2011. *Being Alive: Essays on Movement, Knowledge and Description*. London: Routledge.
- Maffi, Aline de Jesus. 2023. “Imagens, saberes e fazeres: aprendendo com Maria Caetano”. *Cadernos de Campo*, 32, no 2. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v32i2pe211854>

- Monteiro, Marko. 2015. "Construindo imagens e territórios: pensando a visualidade e a materialidade do sensoriamento remoto". *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 22, 577-591. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702015000200006>
- Pereira, Gabriela Acerbi. 2023. "Carta para Joaquim José da Cruz". *Cadernos de Campo*, 32, no.2. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v32i2pe209790>
- Taussig, Michael. 2009. "What Do Drawings Want?" *Culture, Theory and Critique*, 50:2-3, 263-274, DOI: <https://doi.org/10.1080/14735780903240299>.
- Taussig, Michael. 2011. *I Swear I Saw This: Drawings In.: Fieldwork Notebooks, Namely My Own*. Chicago: University of Chicago Press.
- Velame, João Vitor. 2023. "Uma coleção de desenhos etnográficos: os ritmos e movimentos no ambiente de um mercado público paraibano." *Cadernos de Campo*, 32, no.2: DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v32i2pe210311>

sobre os editores

Joaquim Pereira de Almeida Neto

Doutorando e mestre em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo. Integrante do Coletivo ASA (Artes, Saberes e Antropologia) da Universidade de São Paulo e do Métis (Projeto temático Fapesp Artes e Semânticas da Criação e da Memória).

Gabriela Lages Gonçalves

Doutoranda em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo. É colaboradora do LEAP – Laboratório de Estudos de Antropologia da Política (UFMA) e do ASA – Artes, Saberes e Antropologia (USP).

Jeferson Bastos

Doutorando em Antropologia Social pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo. Membro do Diretório de Pesquisa Tabihuni da Universidade do Estado do Amazonas (UEA/CNPq).

Victor Miguel Castillo de Macedo

Pós-doutorando em Antropologia Social da Universidade de São Paulo. Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Financiamento

Joaquim Almeida contou com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) – Processos nº 2020/07886-8 e 2022/01265-7, e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – bolsa 140125/2021-3 (CNPq).

Gabriela Lages Gonçalves contou com apoio do projeto temático Artes e Semânticas da Criação e da Memória (processo nº 2020/07886-8, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo).

Jeferson Bastos contou com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Victor Miguel Castillo de Macedo contou com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (processo 2021/05444-0) com a supervisão do professor João Felipe Gonçalves.